

DESAFIOS DO ESPÍRITO SANTO

CARLOS ALBERTO SILVA



Filha de lavradores, Vanessa, 13, sonha "fazer faculdade de professora"

POBREZA NO ES VIDAS ESQUECIDAS

A GAZETA foi até o Caparaó mostrar a realidade dos municípios mais pobres

/// **VINÍCIUS VALFRÉ**
vpereira@redgazeta.com.br



Quando o sol está prestes a raiar, os pais de Vanessa, de 13 anos, já estão no cafezal. Só deixam a lida no fim da tarde. No caminho de volta, além da poeira da estrada, vai ficando a vitalidade da gente que cresceu sob pés de café e não aprendeu a ler, muito menos a exigir serviços públicos básicos.

A pobreza é tanta que é difícil pontuar necessidades. "Precisamos do apoio dos governos. Só nos veem quando precisam", lamenta Arlindo Gomes, 37,

pai de Vanessa e Valquíria, 12, a caçula.

Da zona rural de Divino de São Lourenço, região do Caparaó, Arlindo fala do seu analfabetismo como razão irreversível para sua condenação à margem: "Para mim sobrou a lavoura mesmo. Não tenho leitura".

Ele tenta manter as meninas longe da lavoura, mas não sabe até quando conseguirá. Arlindo e a esposa, Creudinéia, 31, sabem que nunca trarão mais de R\$ 40 reais para casa. É quanto se paga por um dia de trabalho, sem carteira assinada.

Não bastasse a baixa remuneração, ela nem ao menos é constante. Nas en-

tressafras, falta trabalho. "Ficamos um ou dois meses parados. Tem que saber se movimentar nessa época, se não o bicho pega". A realidade da família Gomes não é exclusiva de quem vive em cidades do Caparaó, onde estão os piores índices de pobreza do Estado.

Vanessa se sente obrigada a ajudar em casa e quer trabalhar na cidade. Até hoje, a maior viagem dela foi a Vitória, para uma feira de ciências e visita ao principal shopping da Capital. "Não comprei nada. Deu vontade de voltar um dia", diz ela, que, nos livros, gosta de viajar à Europa da Revolução Industrial e do Iluminismo. O sonho da me-

nina é audacioso: "Fazer faculdade de professora". Por enquanto, porém, precisa torcer por dias de céu claro. "Quando chove, o ônibus escolar não vem".

DESAFIOS

O Caparaó abriga as cidades mais pobres do Estado. A GAZETA percorreu Divino São Lourenço, Ibityrama e Dores do Rio Preto em busca de histórias de pessoas que vivem realidades que ainda são desafios para o Espírito Santo.

gazetaonline.com.br

Veja no portal mais fotos e vídeos dos personagens entrevistados nesta reportagem.



Arlindo, sentado com a esposa, Creudinéia, ao lado da irmã e do sobrinho

A pequena Milena tem 6 anos e quer ser veterinária

FOTOS: CARLOS ALBERTO SILVA



▄ Cada automóvel que cruza a ES-185, no distrito de Santa Marta, em Ibitirama, cobre de poeira a casa de Genilce Brito Costa, 30, localizada à beira da rodovia. Nem é um problema para ela. O desalento da lavradora vem do fato de ela e o marido dedicarem a vida às roças de café e receberem em troca pouco mais que o suficiente para subsistência.

“Já passamos tanto aperto que meu sogro precisou vir de São José do Calçado para trazer coisas para a gente”, conta.

Ao fim de cada dia, o marido, Miguel, traz para casa R\$ 40. É a principal fonte de renda da família, que tem dois filhos. “Ele tem só 35 anos, mas o trabalho acaba com a gente. Parece ter 50. É um trabalho muito duro”, conta.

CARREGAR PEDRA

Do outro lado da estrada, a família cultiva uma pequena lavoura nos horários de folga e aos domingos. A plantação rende cer-



Sete dias por semana nas lavouras de café
Genilce e Miguel se desdobram para criar os filhos pequenos com o dinheiro que ganham com cultivo e colheita de café, no distrito de Santa Marta, Ibitirama, na região Sul do Estado.

“A gente trabalha tanto. A pior coisa é a lavoura. Não dá lucro. Passamos muito aperto. Não sabemos fazer outra coisa.”

GENILCE COSTA, 30 ANOS, lavradora

ca de 30 sacas, mas 60% delas precisam ser entregues ao dono da terra.

“A gente trabalha tanto, mas os preços são muito altos. A pior coisa é a tal da lavoura. Não dá lucro”, afirma

ela, que prossegue: “Não sabemos fazer outra coisa”.

IR E VIR

Dos governantes Genilce espera pouco, como se não precisasse de muito.

Reivindica apenas o restabelecimento da linha de ônibus que faz os 10 km de Santa Marta a Ibitirama.

A cada baixa do café, os alimentos à mesa minúsculos. A filha mais

velha, Milena, 6, pretende ser veterinária. “Tenho muitos cachorrinhos para cuidar”. O sonho da filha ainda está longe de se tornar realidade, mas já garante alívio à família. É

que pela matrícula dos dois filhos na escola Genilce recebe R\$ 128 do Bolsa Família. “Com ele conseguimos comprar gás e alguma comida”, explica a capixaba.

DEPOIMENTO

“QUEM NÃO QUER ROÇA VIRA PEDREIRO OU FAXINEIRA”

Franciele Silva, 18 anos
vendedora



▄ “Tem muita gente desempregada aqui em Divino São Lourenço. Quem não quer trabalhar na roça ou no comércio, se for homem, trabalha de servente de pedreiro. Se for mulher,

vai fazer faxina. Se eu tivesse boa oportunidade, sairia da cidade. Na

época da panha de café, a gente ganha mais dinheiro. Em outros empregos, ganha até menos, mas é menos sofrimento. Muitos reclamam da Saúde, mas quando a gente precisa, eles até atendem. Levam a gente a São José do Calçado (a 63 km) ou Vitória (a 221 km). Minha mãe teve que ir a Cachoeiro (a 103 km) fazer cirurgia no coração. Quero estudar Nutrição, mas talvez faça Pedagogia, porque é mais barato. A faculdade mais próxima fica em Alegre”.

Após aborto, a ajuda médica estava a 120 km de casa

CARLOS ALBERTO SILVA



Dona Maria de Lourdes com a neta e Seu Valtair, desempregado há dois anos

▄ Na última vez em que Dona Maria de Lourdes, 49, precisou de um atendimento médico especializado foi quando sofreu um aborto espontâneo. O hospital mais próximo de onde ela vive, em Ibitirama, fica a mais de 120 km de distância, em Cachoeiro de Itapemirim. “Nem lem-

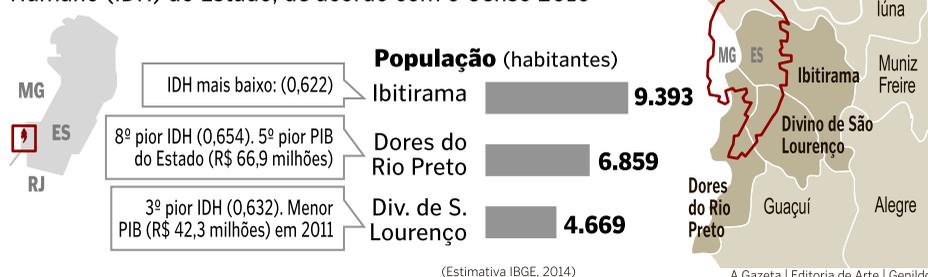
bro a última vez em que fiz um exame”, conta, achando graça.

Quando a pensão que recebe não é suficiente, devolve os cuidados da neta Isadora, de 9 meses, à filha e procura trabalho na lavoura. Seu Valtair, 52, faz o mesmo. Sem trabalhar há dois anos, está

preocupado com a substituição das roças de café por eucalipto. Na última vez em que esteve na roça colhendo a semente, rasgou o calcanhar em um arame farpado. “Em Ibitirama, não tinham a injeção. Me levaram em Guaçuí, e também não tinha remédio”, lembra.

A REGIÃO

A GAZETA percorreu três cidades da **região do Caparaó**, onde estão os municípios com pior Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do Estado, de acordo com o Censo 2010



DESAFIOS DO ESPÍRITO SANTO**DA ROÇA PARA A PERIFERIA**

Partir para a Capital é saída para quem quer fugir da lavoura

▄ VINÍCIUS VALFRÉ
vpereira@redgazeta.com.br



Ezequiel Gonçalves do Carmo, 38, diz que sua vida “é bem melhor” desde que decidiu, há cinco anos, abandonar Ibitirama para morar em um barraco em Vila Garrido, Vila Velha, e trabalhar de carpinteiro na Grande Vitória. “Aqui só tem lavoura, e pagam pouco”, conta ele, que voltou à cidade natal para rever a família, após dois anos.

Ele garante que pegar a estrada em direção às periferias da Grande Vitória é o único caminho para quem não quer ficar refém das plantações de café. Elenca duas dezenas de amigos e parentes que migraram para a metrópole ou para Cachoeiro de Itapemirim.

“De bom, aqui, só os amigos. É melhor pagar aluguel por lá do que ficar em Ibitirama. Não tenho vontade de voltar de vez”, diz.

No Caparaó, paga-se R\$ 40 para cada nove horas de trabalho na lavoura. Nada a mais. Analfabeto, Ezequiel, trabalhando de pedreiro em Vila Velha, chega a receber R\$ 80 por dia, embora não tenha nenhuma outra garantia trabalhista ou planos de previdência.

A irmã dele, Anízia Aparecida, 31, não quer que o filho Dhyonatan, 5, tenha o mesmo destino de Ezequiel: “Estamos sem pediatra, mas é um lugar tranquilo para morar”, comenta.

Quando didaticamente apresentada ao fato de viver na cidade com o pior IDH do Estado, ensina. “Não temos que ir embora porque a cidade não cres-

AMBIÇÃO

“Aqui só tem lavoura, e ainda pagam muito mal, R\$ 40, R\$ 60. Prefiro pagar aluguel em outro lugar. Todo mundo está indo pra Vitória ou Cachoeiro trabalhar. É melhor”

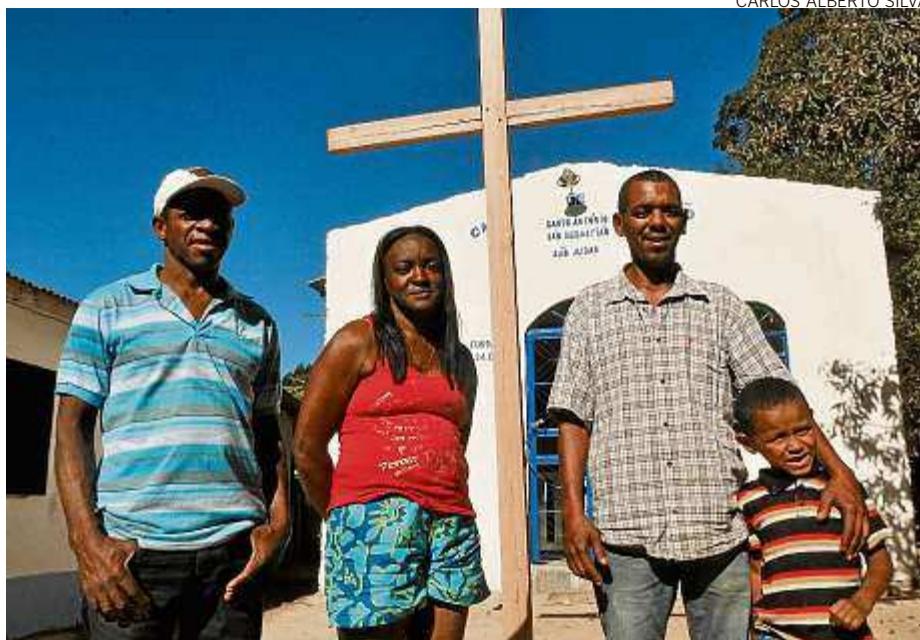
EZEQUIEL GONÇALVES
CARPINTEIRO, 38 ANOS

ce. Tem que crescer com a gente aqui”, surpreende.

OPORTUNIDADES

Em Dorés do Rio Preto, a estudante Dênia Oliveira, 17, reclama da falta de lazer e oportunidades. “Aqui é mais lavoura mesmo. Trabalho em uma loja de roupas. Não sei o que vou fazer no futuro”, diz.

CARLOS ALBERTO SILVA

**Faltam oportunidades**

Miguel, 49, é pedreiro; Ervalina, 52, gari; Ezequiel, 38, carpinteiro. Eles dizem que essas são as únicas profissões que o pequeno Dhyonatan, 5, quando crescer, poderá almejar vivendo em Ibitirama. “A cada eleição, só mudam os palhaços. O circo é o mesmo”, diz Ervalina.



Assine A Gazeta e ganhe descontos em mais de 400 estabelecimentos.



Quem faz parte do Clube do Assinante de A Gazeta vai sempre além e ganha muito mais exclusividade. Consegue os menores preços em produtos e serviços e garante os melhores shows, teatros e eventos. São tantos descontos que sua assinatura pode até sair de graça. Clube do Assinante A Gazeta. É vantagem de verdade. Se você já é assinante, acesse clubedoassinante.agazeta.com.br e imprima seu cartão.

Se ainda não é ligue agora mesmo para (27) 3321.8699 e assine.

- Descontos em 9 segmentos de serviços.
- Vantagens e descontos em teatros, cinemas e shows.
- Eventos, sorteios e ações especiais exclusivas.
- Loja do assinante.



Clube do Assinante: é vantagem de verdade.

CANDIDATOS APRESENTAM PROPOSTAS PARA REGIÃO

Microrregião do Caparaó produz apenas 1,8% do PIB do ES

▄ VINÍCIUS VALFRÉ
vpereira@redgazeta.com.br



Ao mesmo tempo que abriga mananciais hídricos, o Pico da Bandeira e a Cachoeira da Fumaça, a microrregião do Caparaó, Sul do Estado, produz apenas 1,8% do PIB do Espírito Santo. Concentra também as cidades com os piores resultados de Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), conforme os mais recentes dados do IBGE, de 2010.

O melhor IDH capixaba foi o de Vitória, 0,845. O índice, que varia de 0 a 1, é melhor que os de Ibitirama (0,622), Divino São Lourenço (0,632) e Dolores do Rio Preto (0,654).

A produção industrial no Caparaó corresponde a apenas 10,8% do PIB regional. Em contrapartida, o da administração pública alcança 35,7%. Esse percentual é maior até mesmo que o agropecuário: 22,1%.

Os dados estão no documento "Plano de Desenvolvimento ES 2030", que define metas de desenvolvimento do Estado para os próximos anos.

PROPOSTAS

Paulo Hartung (PMDB), Renato Casagrande (PSB), Roberto Carlos (PT) e Camila Valadão (PSOL) apresentaram propostas para desenvolvimento social e econômico da região do Caparaó.

"O desenvolvimento deverá observar dois esforços combinados: abertura de novas oportunidades, pela abertura de novos mercados e promoção de desenvolvimento local, por meio da promoção de negócios voltados ao atendimento das demandas da própria região", diz Hartung.

Renato Casagrande destacou a situação da escola principal de Divino São Lourenço. "Quando assumimos, ela se encontrava em situação muito precária. Estamos realizando ampla reforma, que estará concluída em novembro. Além disso, estamos construindo uma Escola Técnica em Iúna, cuja obra já está 70% concluída. Levamos telefonia móvel e internet 3G para distritos", disse.

Roberto Carlos diz que os indicadores sociais e econômicos precisam ser melhorados com urgência.

"Propomos um programa integrado para a região que

AGENDA



"Promovemos a Agenda Regional Sul, entregue em 2010, resultado de extensa discussão com a sociedade local. Vamos retirar aquele planejamento do papel"

PAULO HARTUNG
(PMDB)

AGRICULTURA



"É preciso fortalecer a agricultura familiar, através de incentivos fiscais, capacitação técnica e linhas de financiamento adequadas"

CAMILA VALADÃO
(PSOL)

SAÚDE



"Quando assumimos o governo, a saúde no Caparaó era precária. Nós mudamos essa realidade, melhorando e ampliando a oferta de serviços de saúde"

RENATO CASAGRANDE
(PSB)

EMPREGO



"Há grande carência de programas integrados que poderiam alavancar o desenvolvimento, com geração de emprego, renda, lazer, cultura e bem-estar social"

ROBERTO CARLOS
(PT)

seja capaz de proporcionar oportunidades de trabalho, renda, conhecimento e progresso, equivalentes aos que são oferecidos em outras cidades e regiões", disse.

"Para levar desenvolvimento humano às populações esquecidas pelas políticas públicas dos últimos 12 anos, acreditamos que é preciso fortalecer a agricultura familiar, através de incentivos fiscais, capacitação técnica e linhas de financiamento adequadas", disse Camila.

ITAPARICA EXCLUSIVE

A partir de **R\$ 239 mil***

R.005/130539-L02

ENTREGUE COM ARMÁRIOS

ALTO PADRÃO DE ACABAMENTO.
FACHADA REVESTIDA COM VIDRO EM COR.